

**MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA**

CLASSE DE LETRAS

Elogio académico de Manuel Ferreira Patrício

JOSÉ ESTEVES PEREIRA



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

LISBOA • 2024

Título: Elogio académico de Manuel Ferreira Patrício

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2024

DOI: <https://doi.org/10.58164/m6a6-1k10>

Elogio académico de Manuel Ferreira Patrício

JOSÉ ESTEVES PEREIRA

1

O elogio académico que me cabe proferir, cumprindo a tradição de homenagear o antecessor na cadeira, que entretanto se ocupa, tem que ser entendido para além do consagrado ritual pois estou a falar, também, de um amigo pelo qual nutri sempre a mais profunda admiração pessoal e intelectual.

Manuel Ferreira Patrício foi um homem aberto ao mundo, um filósofo de profundo sentido humanista, um académico brilhante e ativo, um educador personalista cristão. A responsabilidade que, portanto, resulta para mim em vos transmitir, por pobres palavras, o que resulta da conjugação destas circunstâncias de um saudoso confrade e Amigo não é, como compreenderão, uma tarefa fácil.

Em Manuel Ferreira Patrício encontramos não apenas uma busca permanente de verdade, mas, como ele gostava de sublinhar, de vontade de verdade. Em tudo o que pensou e realizou deparamos, sobremaneira, com uma dimensão tanto ética como estética acompanhada de suave ironia, com transparente consideração pelo outro.

No modo de comunicar e escrever, nas suas pausas, transparecia um sentido harmonizador de discurso como que convidando-nos a seguir os seus andamentos e ritmos reflexivos em sugestão, poderíamos dizer musical, afim da sua sensibilidade de compositor e maestro que também foi.

2

Começarei por me referir à condição de membro da Academia das Ciências de Lisboa e ao respetivo percurso de Manuel Ferreira Patrício. Eleito académico correspondente da 3.^a Secção em 18 de outubro de 2007 e, em 29 de outubro de 2012, por unanimidade, académico da então 7.^a Secção transitou, entretanto, para aquela em que ingressara, onde veio a ocupar a cadeira n.º 25 de Letras, antes preenchida por Fernando Castelo Branco, de quem fez o elogio.

Foram as seguintes as comunicações que apresentou além do elogio referido: *O itinerário filosófico de Delfim Santos*, em 2007, *Padre António Vieira. Passado, Presente e Futuro do Quinto Império*, em Fevereiro de 2008 e *Apresentação e Proposta de um paradigma cultural de Escola*, em Julho de 2011.

3

Manuel Ferreira Patrício nasceu em Montargil, Ponte de Sor, a 23 de setembro de 1938. Alentejano, ao longo da vida sempre teve muito orgulho em o ser e sempre esteve disponível para defender as causas regionais no contexto nacional como foi a criação do Instituto Universitário de Évora que viria a transformar-se na sua amada Universidade. Parece, assim, bem natural que, entre 1978 e 1979, assumisse funções de Presidente da Comissão de Planeamento da Região Sul. O pensador e cidadão nascido no Alto Alentejo teve muitas ocasiões para se lembrar da carta VII de Platão, que gostava de citar, onde o filósofo ateniense insta a que se desça à cidade e se intervenha na vida da *Pólis*.

Manuel Ferreira Patrício, depois da instrução primária na sua terra natal, frequentou o Seminário Menor de Vila Viçosa e o Externato Camões de Ponte de Sor. Concluiu o Curso do Magistério Primário em Évora e foi aprovado no Exame de Estado para o Ensino Liceal em 1972. Em 1974 obteve o grau de licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor do Ensino Primário de 1959 a 1967 e do Ensino Liceal de 1967 a 1984. Na Universidade de Évora, de que viria ser Reitor, entre 2002 e 2006, doutorou-se em Ciências da Educação na especialidade de Filosofia da Educação e prestou provas para obtenção do título de Agregado em 1992, em Teoria da Educação e Axiologia Educacional.

Manuel Ferreira Patrício percorreu, como se vê, os três graus de ensino o que o habilitaria a ter um conhecimento exaustivo dos caminhos e problemas da escola portuguesa. Esta incomparável e aprofundada experiência permitiu que lhe fosse reconhecida indiscutível *auctoritas* pedagógica que transparece ao longo de um vastíssimo número de publicações agora felizmente reunidas em seis volumes de *Obras Escolhidas*.

Antes de, brevemente, assinalar as linhas principais do seu pensamento é importante não esquecer alguns momentos marcantes do seu múnus educativo. Dedicado à docência e ao exercício dos cargos de responsabilidade científica e

administrativa que desempenhou na *alma mater* eborense, incluindo a orientação de inúmeras teses e vasta participação de júris em instituições de ensino superior portuguesas e espanholas, cumpre destacar a participação como membro da Comissão de Reforma do Sistema Educativo de que resultou a Lei de Bases n.º 46/86, o Decreto-lei n.º 3/87 de 3 de janeiro e o exercício dos cargos, respetivamente, de Presidente do Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação, entre 1987 e 1989 e o de Diretor Geral do Departamento do Ensino Superior do mesmo Ministério entre 1991 e 1996.

Como consta do largo Curriculum Vitae de Ferreira Patrício foi particularmente intensa a atividade concecional, organizacional e letiva que desenvolveu no âmbito das Licenciaturas em Ensino, na Universidade alentejana. Na área de especialidade pedagógica lecionou Teoria da Educação, Pedagogia Sistemática, História da Pedagogia e da Educação, Didática Geral e Axiologia Educacional. E no domínio, mais nuclear, da Filosofia também encontramos, ao longo do intenso magistério, a docência de Introdução à Filosofia, Filosofia da Educação, Mundividências Científicas Contemporâneas, Lógica Formal, Teoria do Conhecimento, Antropologia Filosófica e Ontologia entre outras disciplinas no âmbito dos Cursos de Ciências Sociais da Universidade de Évora desde os fins dos anos de 70.

4

Manuel Ferreira Patrício foi uma figura culminante da filosofia da educação em Portugal recolhendo a especial inspiração de Leonardo Coimbra que foi objeto da sua dissertação de doutoramento apresentada em 1983 e publicada em 1993 com o título de *A Pedagogia de Leonardo Coimbra – Teoria e Prática*. Como entendeu afirmar em texto de 2009, o criacionismo leonardino constituía, no princípio da década de 60 de Novecentos o “embrião do que veio a ser, do que tem vindo a ser uma existência pessoal e profissional fundamente marcada pela espiritualidade” (OE, I:532) do autor de *A Alegria, a Dor e a Graça*.

A riquíssima experiência de vida e a prática pedagógica são, em Manuel Patrício, indissociáveis da teoria. Atento à tradição grega e ao sentido que o conceito e termo *teoria* transmitem, enquanto espetáculo ou visão intelectual, a atitude teórica deve ser entendida como construção especulativa superadora da contrapolaridade da prática para se constituir como “relação de um corpo

de princípios com um corpo de descrições ou explicações num último movimento relacional com um corpo de consequências (*Idem*: 34). Por oposição à prática a teoria é, também, conhecimento desinteressado, independente das suas aplicações. Teoria, para Ferreira Patrício é, em suma, “esforço de compreensão, integração de grande número de factos e de ideias, articulação e explicação racional desses factos e dessas ideias. Não é sistema, mas tem de ser propósito de sistematização e de unificação” (*Idem*:36). No entanto, teorizar a realidade humana implica que sejamos convocados para um patamar reflexivo que não é igual ao da realidade física, mas sim, expressão consciencial da atividade inerente à realidade histórica e social. E por isso é, igualmente, prática enquanto modo da teoria. É preciso pensar o que se faz e fazer o que se pensa (*Idem*,39), diz-nos o filósofo.

Reverendo-se na reforma das coisas humanas transmitidas pelo célebre vulto seiscentista João Amós Coménio, a meditação e prática pedagógicas de Manuel Ferreira Patrício resolve-se, de modo excedente, numa *antropagogia*, conceito axiológico nuclear de toda a sua obra.

Antropagogia é “uma teoria e uma prática da formação do homem e da atualização do ser. “Como teoria é e pretende ser um saber. Como prática é, e pretende ser, um saber fazer (*Idem*:54). A eventual estranheza, quer do termo, quer do conceito, merece-lhe uma arguta explicação. De modo simples afirmará ser melhor dizer antropagogia (*Idem*: 55) do que pedagogia porque, como ensinava aos seus alunos “é perfeitamente claro, para quem se ocupa destas coisas, que o problema da educação não respeita apenas à criança mas tem que ver, de facto, com o homem, seja qual for o momento do seu desenvolvimento pessoal ou histórico. Com o homem, isto é, com todos os homens e com o homem todo” (*Idem*:ib).

Manuel Ferreira Patrício congregará, de facto, nesta conceção original da sua meditação o essencial do seu pensamento nos campos da ontologia, da ética, da estética, da realidade religiosa e de outras expressões da existência humana. A sua motivação, profundamente humanista, consubstancia-se numa atuante *paideia*, afim de uma ontologia pedagógica, abarcando o questionamento do Universo até ao problema supremo de Deus ou não fosse para o mestre eborense o caminho da educação aquele que nos pode conduzir à Sabedoria e à Perfeição.

5

Sem nunca perder de vista na sua demanda reflexiva ontogógica e antropagógica revela-se em Manuel Ferreira Patrício uma dimensão situada do homem em que perpassa a presença espiritual de Delfim Santos que o filósofo e pedagogo teve por um dos seus mestres, na linha que até este vem do criacionismo de Leonardo Coimbra e, também, do ideário mais inicial da Renascença Portuguesa e da presença espiritual de Teixeira de Pascoaes.

Pensamento situado e antropagogia situada estarão presentes, entretanto, numa das mais fecundas e belas realizações de Manuel Ferreira Patrício. Quero referir-me à sua *Escola Cultural* que, rigorosamente, fundamentou para que resultasse numa prática efetiva. Bem ciente, por experiência própria, das limitações do paradigma corrente da Escola Nova, ao longo da sua missão de professor nos três graus de ensino, viria a contrapor um novo projeto que do plano antropológico devia ascender a uma apreensão mais completa e personalista dos conhecimentos adquiridos.

No movimento da Escola Cultural que propugnou, o sujeito de educação é a *pessoa* e não apenas o *homem genérico*. A pluridimensionalidade própria do novo modelo assumiria um teor personalista pretendendo complementar a prevacente escola unidimensional hetero-determinada, concebida unicamente para a organização e desempenho técnico das pessoas. Com esse intuito, viria a projetar e definir, minuciosamente, uma dimensão extralectiva de escola com a abertura, nomeadamente, a atividades de natureza cultural e desportiva que os alunos escolheriam livremente, isto é, de um modo autodeterminado. Na perspetiva de Ferreira Patrício, importava considerar, ainda, uma dimensão interativa que permitisse uma dinâmica vivencial de comunidade de escola, possibilitadora de plena configuração holística e ecológica. Em suma, o que se pretendia era uma realidade de escola ao mesmo tempo global e aberta. Para melhor situar a questão e dar conta da fecundidade destas ideias cumpre dizer que o projeto começou por ser acolhido, em 1986, no âmbito da Reforma do Sistema Educativo para o qual foi constituída uma Comissão de onde emergiu o Projeto Escola Cultural de que Manuel Ferreira Patrício foi diretor nacional. Todavia, a experiência, que começara a vingar, encontrou as resistências de que o autor nos viria a dar conta e, em princípios de 1990, foi extinta por deliberação ministerial.

Em todo o caso, a validade da iniciativa encontrou acolhimento suficiente e entusiasmo para que viesse a ser criada a Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural, logo em 24 de março de 1990, de que resultou fecunda atividade. Cumpre dizer, que o espírito e as ideias da Escola Cultural continuaram a merecer significativa aceitação como podemos constatar num texto do seu criador com o título *A vertente humanística na formação dos jovens de hoje para a Europa de Amanhã* (2009) resultado de uma intervenção do nosso saudoso confrade que teve lugar numa bem avaliada instituição de ensino particular de Coimbra que, não obstante algumas alterações, incorporou significativamente, até hoje, o projeto inovador. Posso testemunhar, pessoalmente, tal sucesso pelo bom resultado que constato nos meus dois netos.

Mas não foi apenas sobre os níveis primários e secundário de ensino que Manuel Ferreira Patrício pensou a escola portuguesa. Também a Universidade lhe mereceu particular atenção e onde está bem presente o espírito da Escola Cultural.

Manuel Ferreira Patrício dedicou páginas, muito lúcidas, ao problema da Universidade, ou melhor até, à *missão da Universidade* lembrando um título de uma obra do seu sempre admirado pensador que foi José Ortega y Gasset. A meditação sobre o tema orteguiano de 1930 seria repostado, agora, acompanhado de novo questionamento. Qual o futuro da Universidade? Do pensador madrileno, Ferreira Patrício recolhia a evidência de que já no início do século XX a Universidade estava a investir na utilidade e a tornar-se refém da tecnologia. Em vários textos de reflexão (igualmente muito informados) sobre a possibilidade de caminhos de futuro e tomando ainda como referência a reflexão orteguiana, o pensador alentejano, em meditação muito própria, não deixava de augurar um futuro possível e esperançoso da Universidade embora sob a condição de não se conceder espaço a uma irrestrita vontade da utilidade que, a seu ver, é também absoluta vontade de ter e de poder. Parafraseando o título do famoso livro de Erich From *Ter ou Ser?* seria muito claro a esse propósito “Ter e Ser, Ter para Ser” afirmando, assim, a vocação íntima e o destino superior da Universidade. Na verdade, se o fundamento onto-axiológico da multisecular *Universitas* se viesse a perder, poderia concluir-se que se estava a expulsar a Universidade da própria Universidade.

De modo talvez mais concreto, Manuel Ferreira Patrício teve oportunidade de responder a uma questão que lhe foi colocada, em 2008, a que algum

investimento interdisciplinar no nosso tempo pode ter posto algum cobro. Em todo o caso, o Professor lembrava a situação portuguesa dos anos 60 em comparação com a Europa culta. Entre nós, para ele, um curso tinha de ser ou de Ciências ou de Letras. Tinha de ser raça pura, não podia ser mestiço. O tempo não chegava, argumentava-se, para inocular cultura literário-humanística na cultura científica ou cultura científica na cultura literário-humanística quando já se discutia o projeto dialogante e integrador das *duas culturas* de Peter Snow, embora sem resultado assinalável.

6

Para Manuel Ferreira Patrício todo o pensamento é um diálogo feito de diálogos que ele, efetivamente, praticou, não só com a tradição ocidental e oriental mas de modo especial, com o pensamento português

Na visitação crítica, muito atenta, a que Manuel Ferreira Patrício procedeu, relativamente ao pensamento de vários autores, filósofos ou não, deparamos quer com o rigor e a argúcia hermenêutica, quer com o confronto da mensagem dos autores com inquietudes reflexivas que lhe são próprias e assumem expressão integralmente original. Na referência já feita à sua permanente proximidade especulativa e vital com Leonardo Coimbra encontramos perante um vasto estudo de enquadramento em que confluem muitos estudos monográficos que nos permitem não só observar as múltiplas perspectivas especulativas do filósofo renascente como avaliar a profunda cultura filosófica de Manuel Patrício que o leva a elaborar estudos comparativos de Leonardo com Hamelin, Brunschvig, Renouvier, Bergson ou Teilhard de Chardin. Além destes autores, a imersão no universo especulativo de Leonardo obviamente o conduz a refletir sobre toda a tradição filosófica ocidental que aquele convocou. A dissertação doutoral que se propunha equacionar a relação fecunda da teoria e a prática era, também, um desafio para o aprofundamento antropagógico de horizonte teodiceico não se esquecendo o filósofo de sublinhar que as bases estabelecidas na meditação leonardina eram contemporâneas de idêntica iniciativa de construção de uma antropologia filosófica por parte de Max Scheller. Atendendo à referência nuclear do pensador do criacionismo, Ferreira Patrício lembrava o confronto espiritual de Leonardo com o eterno retorno de Nietzsche e de Raúl Proença. Todavia, como em Leonardo Coimbra, também para o nosso confrade a aporia se resolvia

reforçando a instância do Ser que “não se limita a cumprir um círculo imutável de imutáveis regressos” pois que cada regresso “traz consigo um acréscimo de ser, um aumento de realidade e de espiritualidade” em processo ascensional. Ser é criar e criar-se (OE, II:100) dando assim testemunho de um iniludível personalismo criacionista cristão.

Da permanente atenção prestada ao pensamento português parece-me fundamental não esquecer outras referências intelectuais inspiradoras de que destacaria António Vieira, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva implícitas no cuidado que Ferreira Patrício coloca, também, sobre a identidade portuguesa. Importa a esse propósito considerar, de modo especial, os estudos *Padre António Vieira: Passado, Presente e Futuro do Quinto Império, O messianismo de Teixeira de Pascoaes e a educação dos portugueses* e *O labirinto messiânico de Fernando Pessoa*. No primeiro dos textos aqui elencados, resultante de uma intervenção na nossa academia, em 2008, enlaça os três primeiros pensadores em sucessivos passos evidenciadores do V Império, convocando a dimensão messiânica para a definição de uma ontologia de Portugal.

O intuito especulativo de Patrício vem, entretanto, a ser desenvolvido no texto sobre Pascoaes em torno da *Arte de Ser Português* do poeta de *Marânus*. Aí se assinala o essencial humanismo pascoalino que inclui, porém transcende, o seu patriotismo consumando o carácter saudoso português no que comporta de aventura, de espírito messiânico, redentor e futurante e predisposto à independência e liberdade (OE, V: 29).

Fernando Pessoa é, igualmente, uma presença espiritual muito forte no percurso especulativo de Ferreira Patrício. Na densa perscrutação em torno do messianismo e do sebastianismo em que está presente o compromisso de portugalidade no horizonte do Quinto Império, emergem relevantes preocupações hermenêuticas, sobretudo no que tange à busca pessoal e coletiva, ao adentramento num labirinto de identidade que é o da entrada e da quase saída, parecendo a Patrício que nenhum momento é definitivo, pois existirá sempre lugar para a esperança no bem pátrio e no bem humano.

Quanto ao encontro espiritual de Ferreira Patrício com o pensamento e a personalidade de Agostinho da Silva, deve sublinhar-se uma comum consciência antropagógica, bem presente no espelho em que o nosso saudoso confrade via refletida a afirmação e a crença de que o homem é ser único no Universo,

entregue à tarefa de fazer de si, até ao limite do possível, o ser que tem para ser, o mesmo desejando para todos os outros humanos. Tal atitude reflexiva significava, também, expurgar da ação formativa a tentação de modelização do outro a partir de si (*OE*, IV: 605-606). De muitos outros encontros e diálogos espirituais se construiu a multimoda obra de Ferreira Patrício. Assim o podemos verificar, por exemplo, em meditação sobre Vergílio Ferreira, a propósito do corpo e da “liquefação alquímica da linguagem” que a enuncia. A abordagem crítica, com plena sintonia no plano axiológico, verifica-se, por exemplo, nas páginas que dedica à obra de Manuel Antunes, que foi seu Professor e a quem teve por Mestre. Da pergunta sobre o ser que se é, lar primordial da identidade humana, Manuel Ferreira Patrício invoca a *Humanitas* como dimensão onto-axiológica reportando-se à quarta pergunta kantiana *O que é o Homem?* Mas essa empática posição com o mestre jesuíta também pode ser entendida na vontade de pensar e ensinar vinculada ao permanente enfrentamento paideutico, atitude que, por igual, encontramos na atenção que dedica a Delfim Santos em que a matriz leonardina está presente e que marcou, igualmente, o destino especulativo de Manuel Ferreira Patrício. *O itinerário Filosófico de Delfim Santos*, que foi a sua primeira intervenção nesta academia, constitui uma rigorosa análise dos conteúdos e incidências especulativas do autor da *Situação Valorativa do Positivismo* possibilitando-nos um instigante acesso à meditação delfiniana de antropologia situada, quer no que comporta de compreensão do ser do Homem, quer no que diz respeito à sua formação. O enlace que em Delfim Santos se verifica entre a ontologia do Homem e da sua ontogogia foi, inquestionavelmente, inspirador para Ferreira Patrício no seu modo de pensar a ação educativa. Igualmente presente esteve nas suas reflexões a obra de outros pedagogos portugueses como Luís António Verney, João de Deus, António Sérgio, Faria de Vasconcelos ou Rogério Fernandes.

Sobre o vastíssimo empreendimento hermenêutico de Ferreira Patrício no que diz respeito ao pensamento português poderíamos falar, ainda, dos estudos dedicados a Álvaro Ribeiro, José Marinho, António Quadros, Dalila Pereira da Costa, Eduardo Abranches de Soveral, Diamantino Martins, Manuel da Costa Freitas, Fernando Gil e António Braz Teixeira. A subtil simpatia especulativa que envolve essas visitas assume, não raras vezes, uma feição convivente ou não fosse Manuel Ferreira Patrício um pensador em que o sentido da vida

é axial. Nesse aspeto se inscreve a menção a lugares e a pessoas de condição social e intelectual muito diversa, mas sempre com a marca de profunda afetividade, respeito e compreensão.

7

Em íntima conexão com a meditação que envolve a dimensão messiânica, a que há pouco me referi, importa atender, ainda, a uma perspetiva mais imediata que é também desinência essencial da ontologia da Pátria tal como Ferreira Patrício a concebe. A este propósito destacaria a densa análise que Ferreira Patrício desenvolve num dos seus textos: *A identidade Nacional num mundo intercultural*, publicado em 2009, que constitui reflexão afim de outros pensadores portugueses contemporâneos como Manuel Antunes, já recordado, Eduardo Lourenço ou José Gil. Comungando de idênticas preocupações, Ferreira Patrício procedeu à distinção entre identidade nacional e identidade cultural e ao estudo meticoloso da condição do português europeu e do da diáspora. Por esse caminho procurou compreender instâncias de sensibilidade e da afetividade, de ser e de estar, em tudo o que constitui muito mais do que mera condição de pertença a um determinado espaço geográfico. Noutro momento das suas considerações sobre lusofonia e lusotopia, se referirá Ferreira Patrício à força do solo com tudo o que tal circunstância compreende e alberga, sobrepondo-se à definição estritamente político-legal da nação. Como procurava sublinhar, existe um clima, uma atmosfera e, acima de tudo, a necessidade de auto-preservação que tal condição implica. É notável, a este propósito, na sequência de um apelo à necessidade de conhecimento por parte dos governantes, a oportunidade da remissão, uma vez mais, à lapidar frase de Ortega y Gasset *Yo soy yo e mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo Yo* sempre plena de significado quando citada integralmente.

Com admirável sageza Ferreira Patrício lembra, igualmente, a mortalidade das culturas pois elas tanto podem morrer a partir de hetero-agressão como a partir de dentro, por auto-agressão. Estamos perante páginas que dão muito que pensar no Portugal de hoje, em face dos perigos de erosão cultural dentro da dinâmica incontornável e necessária da integração de outras expressões étnico-culturais e dos desafios interculturais que importa amadurecer. O problema da raça e da etnicidade, da Europa das Regiões e das Nações, o projeto federativo, a possibilidade de um nexu humanista na promoção de uma possível identidade cultural europeia, a essência do patriotismo ou a dimensão

ôntica que emerge da vivência e compreensão de um povo constituem motivo de páginas densas e muito atuais que resultaram de inúmeras intervenções públicas de Ferreira Patrício. Nessa meditação identitária, importa nunca esquecer, esteve sempre subjacente o problema da culturalidade educativa pluridimensional, alfa e ómega do seu pensamento profundamente criativo e interventivo e que teve merecido reconhecimento. Destacarei apenas, entre muitas outras justas homenagens, a atribuição da ordem honorífica da Grão-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, o doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade do Porto e as medalhas de Mérito Municipal, Grau Ouro, das Câmaras Municipais de Évora e de Ponte de Sor.

Termino este elogio à pessoa a quem sucedo nesta academia assinalando uma circunstância mais pessoal e que intemporalmente recordarei, reconhecido. A de ter merecido a confiança de Manuel Ferreira Patrício no convite que me formulou para que lecionasse a disciplina de Filosofia Social e Política na Universidade de Évora.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E DE LETRAS
NA SESSÃO DE 28 DE NOVEMBRO DE 2023

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 28 DE NOVEMBRO DE 2023